



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A desobediência do pintaínho careca

FOR
C. DE BIDASSOA



Premiado da série A — Desenhos de A. CASTANÉ

AINDA os pintaínhos não tinham saído para fora do ovo e já a galinha, sua mãe, lhes dava bons conselhos, dizendo-lhes que tivessem sempre muito cuidado em não sair da beira dela, enquanto não estivessem crescidos e tivessem experiência da vida.

Durante o primeiro passeio que deram pelo recinto junto à capoeira, a galinha não os deixava sair um momento de ao pé de si e dizia-lhes sempre que não transpuzessem a rede que os separava do quintal, o local para eles reservado.

Uns ouviam-na com atenção e só estavam bem debaixo das asas da mãe ou à sua volta e era um gosto vê-los empoleirados nas costas da galinha; outros, como as criancinhas traquinas, faziam ouvidos de mercador e só se julgavam à vontade a saltar por todos os lados e a agitar as asitas débéis, como se quizessem imitar as avezinhas.

Entre éstes havia um que era careca e o mais travesso de todos.

Sempre que pilhava sua mãe distraída, afasta-

va-se para longe e ia dar uma volta pelos confins do recinto.

A certa altura, encontrou róta uma malha da rede. Meteu por ela a cabecita e passou-se para a outra banda.

No quintal havia varia hortaliça e ilôres. O pintaínho careca, quando ali se encontrou, julgou-se num mundo novo. Todo o quintal era pouco para éle. Salta por aqui, fura por ali, correu o quintal duma ponta à outra.

Havia naqueles sítios muitos pássaros que estragavam a fruta e davam cabo das plantas mais mimosas.

Para os exterminar, tinham armado, ali, uma ratoeira. O pintaínho careca, quando viu o isco, não pde fugir à tentação de o picar.

Logo á primeira picadela que lhe deu, a ratoeira desarmou-se e caçou-o pelo pescoço.

Por mais esforços que fizesse, não conseguiu libertar-se. Ali morreu esganado.

A galinha, quando deu pela falta do pintaínho, voou para cima da rede, e, a cacarejar, muito alitta, correu todo o quintal à procura do desobediente. Quando o encontrou, já morto, ia morrendo, também, de dôr. Durante uns poucos de dias não fez outra coisa senão chorá-lo.

Isto serviu de lição aos outros pintaínhos que nunca mais desobedeceram a sua mãe.

Aproveitem-na, também, os meninos e vejam o que pode resultar duma desobediência.



UMA MÁ ACCÇÃO

Por ALZIRA ALVES ABRANTES

Premiada da série A

HAVIA uma menina muito pobre que andava no colégio. Sua mãe lutava com dificuldades para se manter e à filha, pois era viúva.

O seu único enlêvo era a sua Belzita, como a tratava; trabalhadora e cuidadosa, levantando-se muito cedo para ajudar a mãe nas arrumações da casa, era, além disso, engraçadíssima e, também, muito asseada. Tudo isto, enfim, contribuía para a estima de todas as companheiras da classe, bem como da professora.

Havia na escola uma outra garota, chamada Camila, muitíssimo rica; porém, era mandriona e, como tinha criados para tudo, não se importava com coisa alguma, pondo de parte quanto a deveria interessar.

Um dia, a professora disse às suas alunas que, do seguinte domingo a oito dias, tencionava dar uma festa no colégio. Algumas meninas deviam ensaiar uma peça infantil para ser representada. Além de executarem alguns números de música e canto, deveria cada uma compôr um conto que fosse

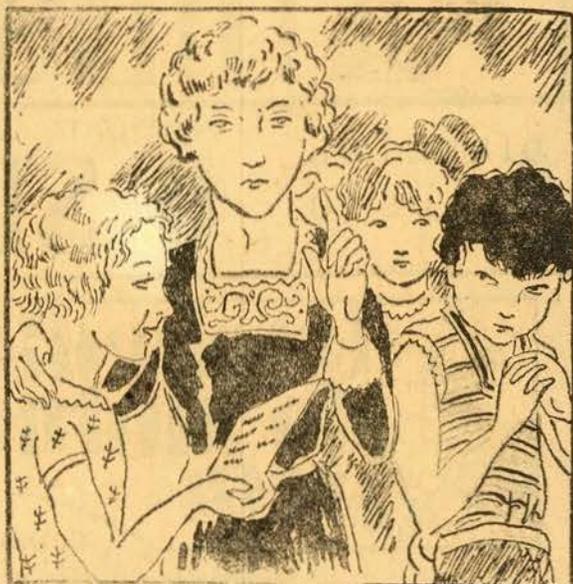


original, isto é, feito pela própria, entregando-os, num certo dia marcado, ao júri. No fim haveria prémios destinados àquelas que o merecessem.

No fim da aula, Camila disse com ar desdenhoso: «A Belzita, não fará o conto porque não está habituada a lê-los, como eu, que os tenho bem lindos na minha estante».

Belzita nada disse; foi para casa estudar as suas lições e ajudar a sua mãe. Depois de almoçar, foi trabalhar no conto e acabou-o era já alta noite.

Porém, como era tímida e muito modesta, pensou de si para si: «Bem; vou mostrá-lo, somente, às minhas amigas, para ouvir a sua opinião; receio



que não satisfaça e, provavelmente, não estará bom para o concurso. Quem sabe?! Talvez o rasgue».

Belzita assim fez; no dia seguinte mostrou-o às suas amigas, que o acharam encantador e muito simples, obrigando-a, quasi, a entregá-lo à sua boa professora.

Camila, ao contrário, não se preocupou com o conto e passeava todas as tardes, brincando sempre e esquecendo os seus deveres.

Chegou a véspera do dia marcado para a entrega dos contos. Camila nada havia feito e estava deveras atrapalhada. Então, que fez ela? Foi à sua estante, escolheu um dos seus melhores livros e copiou de lá um.

No dia da festa, Camila compareceu ricamente vestida e Belzita com o mesmo vestidinho de chita mas limpo.

Camila olhou para ela com desdém e disse: «O teu conto é tão pobre como o teu vestido; o meu, por certo ganhará o prémio; não duvides!» Belzita ficou triste, ouvindo aquelas palavras más da sua companheira.

Começou a festa e, após breves recitações, cantos acompanhados ao piano e a representação da peça infantil, chegou, finalmente, a distribuição dos prémios. A Belzita coube o 1.º prémio; esta ficou deveras confusa e ainda não acreditava ter sido ela a premiada; foi preciso sua mãe empurrá-la para a frente.

A professora, entretanto, levantou-se e disse: — «Estou muito satisfeita com as minhas alunas; todas mostraram boa vontade, colaborando neste concurso com os seus contos».

Em seguida elogiou Belzita, cuja mãe mal cabia em si de contente; depois, a professora revelou a

Lição Proveitosa

Por VIRGINIO MOREIRA — Gino (Premiado da Serie A)

ERA, a-pesar-de petiz,
O figurão do Fernando,
Bem senhor do seu nariz,
Tendo a mania do mando.

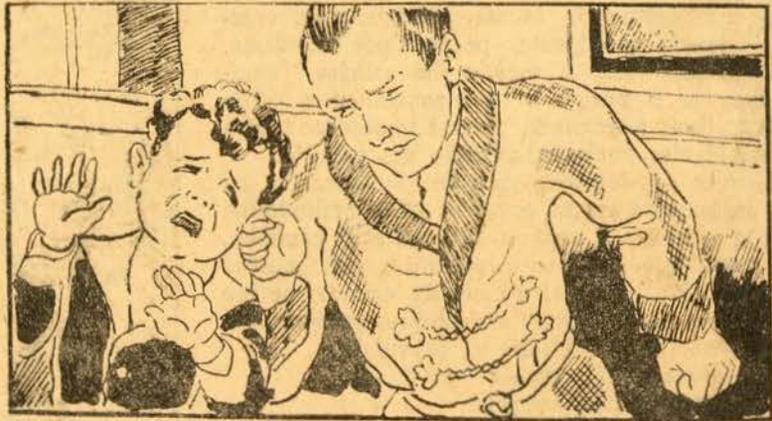
De ser o primeiro em tudo,
Fazia sempre questão;
E nunca qualquer miúdo
Lhe fazia oposição.

Brincando à tropa, o Fernando
Punha uns enormes galões,
Tomava sempre o comando
Das grandes operações.

Se lançavam a granel,
Num lago pouco distante,
Uns barquitos de papel,
Tinha de ser almirante.

Se aos ladrões era o briqueúdo,
Dos guarda armava em chefe,
Mostrava-se muito azedo,
Pespegava o seu tabefe.

Trajes de gala vestia,
Pondo os outros com librés;
E de os ver, tinha a mania,
Bem curvados aos seus pés.



Um dia, muito altaneiro,
Ao seu pai assim falou:
«Desejo ser sinaleiro,
Para as áulas mais não vou!

Quero sê-lo, o sol não cobre,
Para me satisfazer,
Outra profissão tão nobre,
Nem com tamanho poder.

Farei ao maior janota,
Dentro dum auto, esperar;
Ou, então, seguir a róta
Que o meu bastão lhe indicar.

Assim qualquer Presidente,
Rei, Pachá, Sultão, Emir,
Só andar-á para a frente,
Depois de eu o consentir».

O pai nervoso, trocista...
Clamou: — seu grande farçola!...
Sáia já da minha vista,
Vá, depressa, para a escola!»

Deitou-lhe as mãos às orelhas,
Dando-lhe um par de puxões;
E depois de as ver vermelhas,
Pô-lo fóra aos encontrões.

Logo que em pranto desfeito
Do quarto do pai saíu,
A mãe encostou-o ao peito,
E, enternecida, o cingiu.

Com mimo, com maciêsa,
Com amôr e com bondade,
Mostrou-lhe a grande belêsa
Da modéstia e humildade.

È soube o Fernando, então,
O grande valôr que tem,
Uma oportuna lição,
Dada por quem nos quer bem.

Se a lição do pai foi bôa,
A da mãe foi eficaz;
Agora já não tem prôa,
È um modêlo o rapaz!

F I M

toda assistência que uma menina apresentára um conto tirado de um livro e, por sinal, bem conhecido; não proclamaria o seu nome; bastaria, como castigo, a vergonha que nessa hora ela deveria sentir; vergonha duma acção tão injustificável e deprimente.

Camila, vexada e arrependida, acabou por confessar à sua professora, passados alguns dias, a feia acção que praticára e prometeu-lhe que nunca mais voltaria a proceder assim.

Daí por diante, foi uma menina exemplar, admiradora e muito amiga de Belzita.

F I M

A FADA E O DRAGÃO

Por JOSE FONTANA DA SILVEIRA — J. F. S.

Premiado da série A — Desenhos de A. Castañé

JOAOQUIM era filho de um modesto lavrador. Frequentava a escola primária, mas, quanto inteligente, pecava por mandrião. Não poucas vezes o mestre lhe ralhára, fazendo-lhe ver o perigo e os inconvenientes desse defeito, mas o pequeno parecia impotente contra a indolência, pouco adiantando nos estudos.

Viu-se o professor obrigado a chamar o pai de Joaquim, a quem expoz o caso, pedindo-lhe que o ajudasse a trazer o filho ao bom caminho.

Nessa tarde, voltava o rapazito a casa, choroso e cabisbaixo, quando, a meio da estrada, se lhe deparou o doutor Alves, engenheiro-agrônomo em viagem de serviço oficial na província

— «Bóas tardes, senhor doutor!»

— «Bóas tardes, Joaquim.»

Depois, reparando no aspecto confrangido do pequeno, acrescentou:

— «Que tens tu, rapaz? Va's tão triste?!...»

Joaquim baixou a cabeça, envergonhado. Mas, ao levantá-la e ao encarar com a atitude benevolente do agrônomo, explicou:

— «Foi o senhor professor que mandou chamar



ou desistido, se uma boa fada me não ajudasse sempre...»

— «Uma fada?» — (interrompeu Joaquim, espantado).

— «Sim, uma fada. Uma fada que ajuda os preguiçosos, quando eles querem, rialmente, vencer esse vício...»

Fez uma pausa para ver o efeito das suas palavras no semblante do pequeno, e, vendo seus olhos luzirem, manifestando interesse, concluiu:

— «Se tu quizesse...»

— «Oh! se quero, senhor doutor!»

Queria poder dizer ao mestre e a meu pai: Vejam, já não sou preguiçoso! E os meus condiscipulos pasmariam ao reconhecer que eu passára a ser o melhor aluno da classe!...

— «Pois bem — (disse, pausadamente, o engenheiro-agrônomo) — eu posso pôr ao teu serviço a fada que me ajudou. Esta noite já ela estará contigo.

E' invisível, e previno-te de que não podes dirigir-lhe palavra nem perder tempo a procurá-la. Nada ganharias com isso porque ela jámais se mostra em pessoa...»

— «Mas o que tenho eu a fazer?»

— «Isto apenas: fazeres sempre a tempo os teus trabalhos escolares, pensando, nesses momentos, que a fada está junto de ti, porque o está... e pedindo-lhe, mentalmente, que te ajude. Chama-a, chama-a sempre que te vejas atacado pela preguiça. Depois me dirás o resultado. E agora... vai para casa e... corágem! Boa tarde, Joaquim.»

— «Boa tarde, senhor doutor, e muito obrigado por tudo.»



meu pai e lhe fez queixas de mim: das minhas cópias mal feitas e nunca prontas a horas, das minhas contas erradas ou feitas só metade, dos...» E não pode continuar, porque um soluço lhe embargou a voz.

— «Não te aflijas tanto! — (disse o doutor Alves, pondo, paternalmente, a mão no ombro de Joaquim). Tudo neste mundo tem remédio e o teu caso é dos que o têm fácil, desde que tu o queiras... No decorrer da minha vida de estudante tive, também, desses desgostos, e teria desesperado

(Continua na pag. 6)

O GATO E O PARDAL

POR FRANCISCO DA FONSECA ALMEIDA

Premiado da Série C
 Desenho de A. CASTAÑE

FINORIO, D. Pardal fez o seu ninho
 à beira dum telhado;
 Por fóra era de palha, dentro arminho,
 Um lar todo aseado.

Com tanta infelicidade
 Procede à operação
 Que teve, como prémio da maldade,
 Trágico trambulhão,

No chôco a pardaloca um dia estava;
 Nisto, surgiu um gato
 Que, por aqueles sítios, farejava
 assalto d'aparato.

Enquanto D. Pardal, lá do telhado,
 Já d'alívio suspira,
 Sôbre as pedras da rua estelado,
 O mau bichano expira.

À beira do seu ninho, D. Pardal,
 Contente e descuidado,
 Soltava, todo ufano e jovial,
 O canto costumado:

Volta o pardal ao ninho
 Que a mão do Destino defendeu,
 E ao ver morto, na rua, o mau felino,
 Põe-se a cantar:

Xéu! Xéu! Xéu! Xéu!...

Xéu! Xéu!

Mas eis que vê o p'riço,
 E o pobre D. Pardal estremeceu
 Em face do inimigo.

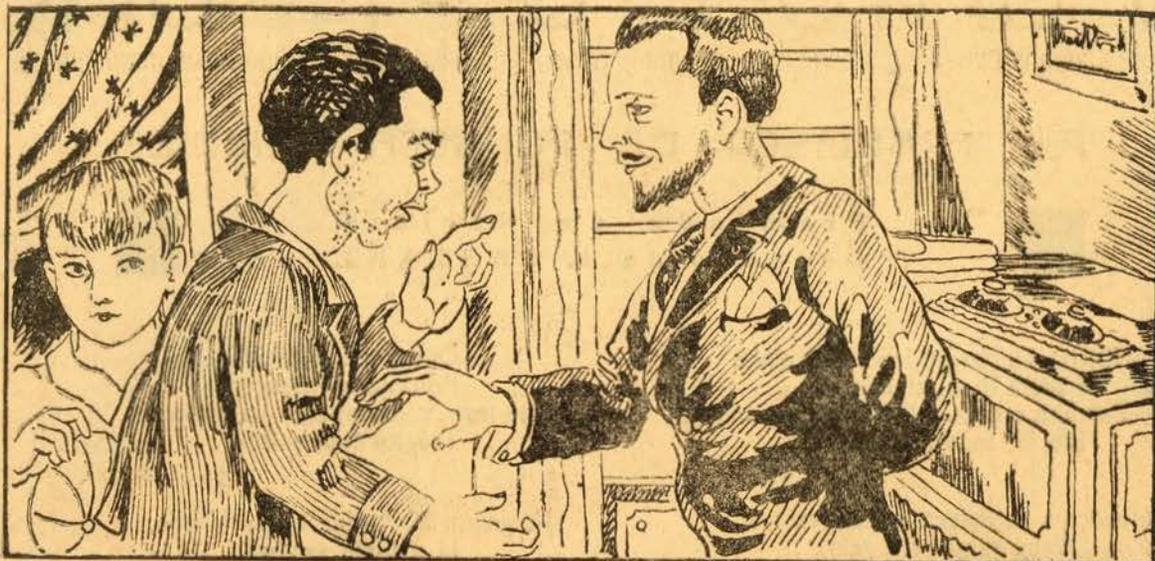
Meus meninos, notai neste relato
 Uma grande verdade:
 Foi Deus que castigou aquele gato
 P'la sua crueldade!

Já na casa fronteira
 P'ra onde D. Pardal logo fugiu,
 Adverte do perigo a companheira:
 Xéu! Xéu! Piu! Piu!...

||| F I M |||

Vendo a prêsa fugir
 Precipita-se, fulo, para o ninho,
 Onde julga existir
 O saboroso e tenro passarinho.





A FADA E O DRAGÃO

(Continuação da pag. 6)

O rapaz ficou um tempo parado e abstracto. Depois, como tomado duma resolução firme, partiu, veloz, direito a casa.

Decorreu um ano. O nosso conhecido engenheiro-agrónomo encontrava-se em sua casa de Lisboa e sentára-se para almoçar, quando a campainha da porta retiniu. A criada anunciou que um homem, com aspecto de lavrador, acompanhado de um rapazito, desejava falar ao dono da casa.

Era Joaquim e seu pai, que o doutor Alves recebeu com muito agrado, e com os quais almoçou.

Foi Joaquim quem explicou, comovido, o fim da visita:

— «Fiz com distinção o meu exame de instrução primária, e fico, agora, em Lisboa, para cursar o liceu.»

— «Bravo! bravo!» — exclamou o agrónomo, envolvendo no mesmo abraço pai e filho.

— «E quero agradecer-lhe, senhor doutor — (concluiu o rapaz) — o auxílio da sua boa fada, sem a qual eu nada teria feito! Ah! senhor doutor quando pegava na caneta ou no giz, quando res-

pondia às lições, tudo me parecia fácil e tudo saía bem e a tempo... Ela lá estava a guiar o meu braço, a agitar-me o cérebro... até me parecia ouvi-la... Quero agradecer a si e a ela, muito e muito, mas o senhor doutor proibiu-me de falar a essa grande amiga, e, então, quero mandar-lhe os meus agradecimentos por seu intermédio. Ela fez de mim um outro rapaz. A ela tudo devo.»

O agrónomo riu a bom rir. Depois, pondo as suas duas mãos sobre os ombros de Joaquim, disse-lhe:

— «Só a ti mesmo deves agradecer. Não existem fadas nem em corpo nem em espírito.

Eu servi-me dêsse estratagem para te obrigar a vencer a mandriice que se apossára de ti e te tornaria infeliz. Fôste tu próprio quem se ajudou, vencendo êsse vício ruím.»

— «Ora aí está porque, nêstes últimos tempos, eu fazia tudo sem precisar já de pensar na fada...»

— «Sim, Joaquim, e não precisarás mais, estou certo disso. Quando se entra nêsse caminho,

(Continua na pag. 8)

CONCURSOS MENSAIS DE POESIA E CONTOS INFANTIS

Encerrada a primeira série dos nossos concursos literários, apraz-nos registar, aqui, o êxito alcançado pela nossa iniciativa que teve o único objectivo de estimular as vocações incipientes dos pequeninos leitores do nosso Suplemento.

Consideramo-nos compensados do esforço dispendido, pelas revelações prometedoras que os nossos concursos afirmaram. Alguns concorrentes, porém, abusando da nossa boa fé e do louvável intuito que tivêmos, apresentaram produções de autoria alheia, umas que, por serem já do nosso conhecimento, rasgámos antes de classificadas, outras que chegámos a publicar por desconhecermos a verdadeira origem. Estão, neste número, possivelmente entre outras, «Pregões de Lisboa», «O discipulo preferido» e «A lagarta invejosa».

Aqui fica feita a devida correccção, que é, ao mesmo tempo, um correctivo, como restituição do seu a seu dono.

ADIVINHA PALAVRAS PROBLEMAS



Meus meninos: — Este chinês, para ganhar a vida, faz prodígios de equilíbrio com uma maçã e uma nabiça! Ao terminar o trabalho, dá a nabiça a um coelhinho e a maçã ao filho. Procuremos e encontrá-los-hão.

**QUAL A COUSA
QUAL É ELA**

I

Não tenho forma, porém eu tenho nome e existência; Onde estou não está ninguém; Sou nada, por excelência.

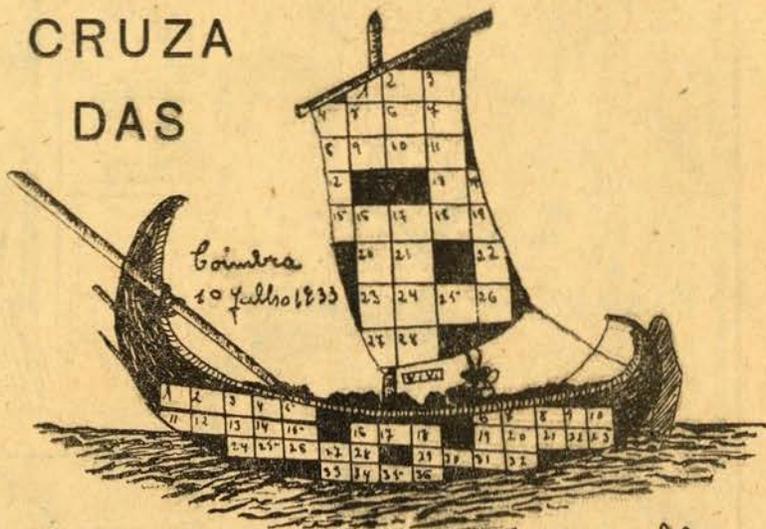
II

Sou despôrto, muito útil, quando com Ç cedilhado; com dois SS, coisa fútil, tecido bem procurado,

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES

1, Ralo. 2, Pena. 3, Linha. 4, Areia.

**CRUZA
DAS**



Esmeraldas dentro esquerda - Santa Helena

BARCO

27—Ruim; 30—Consoante; 35—Consoante.

Horizontais. — 1 Governador indio; 6— Suave; 11—Escutar; 16—Oceano; 19—Barcos de recreio; 24—Fio de aço; 29— Frutos da videira; 33 — O nosso intimo.

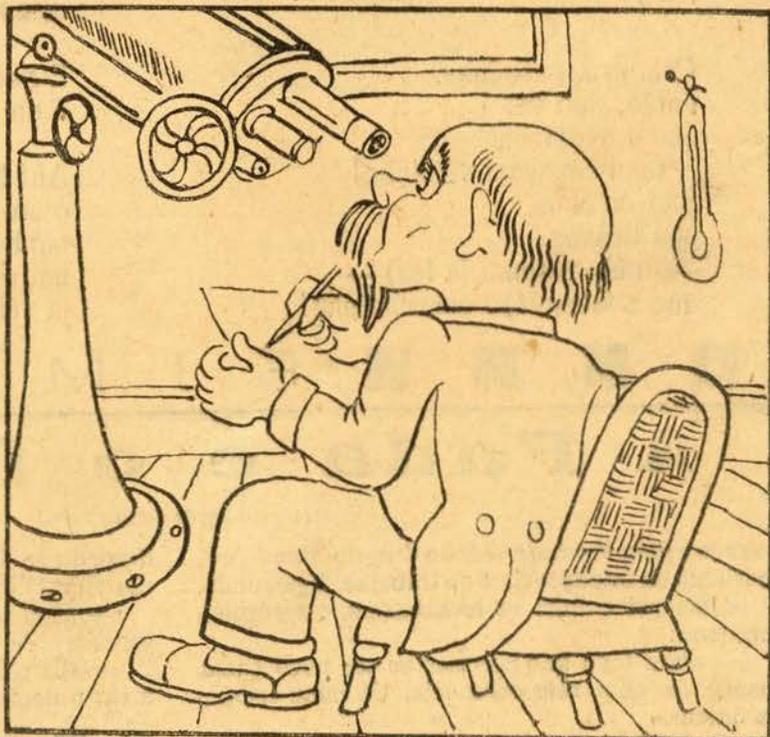
Verticais. 1—Lço apertado; 2—Duas vogais; 3—Nome de mulher; 4—Verbo que indica estado de satisfação; 5— Altar dos romanos; 6—Dama de companhia; 7—Forma do verbo ir no presente do conjuntivo, 2.ª pessoa; 8— Conjunção «e» em francês; 10— Carta de jogar; 16— Doce fabricado pelas abelhas; 17— Vogal; 18— Caminho;

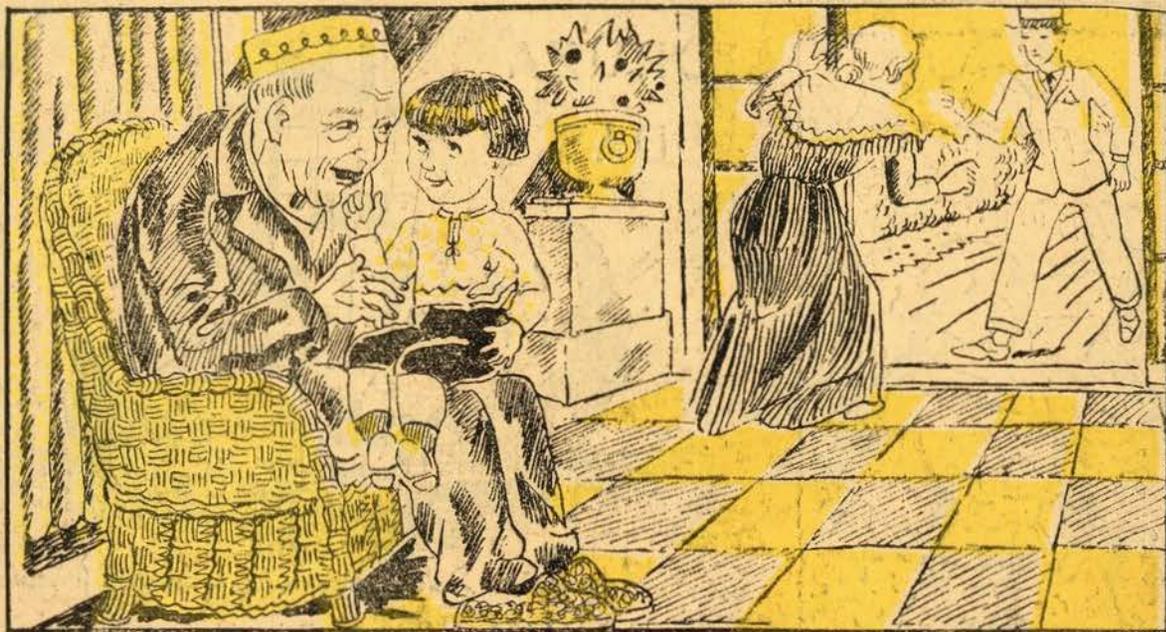
VELA

Horizontais. 1 — Membro das aves; 4—Rezar; 8—Cabedal; 12—Consoante; 13—Batráquio; 15 — Bordejar; 20 — A primeira e a última vogais; 22— Consoante; 23 — Irmã; 27 — Atmosfera.

Verticais. 1 — Arco; 2 — Cloreto de sódio; 3—Ave da América; 4—Capital da Suécia; 14—Meio de defesa ou ataque; 16—Folhagem; 17—Luz da lua; 25—Consoante.

PARA OS MENINOS COLORIREM





Bèbé e o avôzinho

Por FELIZ COSTA VENTURA

Premiado da Série B

Desenhos de A. CASTANÉ

Bèbé pergunta ao avô:

—«Olha lá, meu avôzinho,
porque é que tu és vèlhinho?!

Ora, ora, patetinha,
então, não vês
que a avôzinha
é, também, uma vèlhinha!
São os anos
uns tiranos,
—(e ela setenta já fez)—
que a fazem tão corcundinha!

«Mas olha lá, avôzinho,
o paizinho
é direitinho,
tem as costas
como são as do menino...

É que o teu paizinho é novo;
é um menino crescido!

Ah! Então, se o meu paizinho
é um menino crescido,
também, tu és, avôzinho,
um menino
já vèlhinho!

■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■

A Fada e o Dragão

(Continuação da página 6)

quando a fada *Vontade* vence o dragão *Mandriice*,
«o triunfo da inteligência e do trabalho, é garantido.

Como pai e filho se levantassem, o agrónomo
terminou:

—«Para tudo que precisas no teu novo curso,
dispõe de mim, sem cerimónia. Cá estou sempre
às ordens.»

O pai tinha os olhos rasos de lágrimas. Ao

despedir-se, beijou as mãos do protector moral de
seu filho, dizendo:

—«E se um dia o rapaz precisasse, novamente,
da fada...»

—«Cá estava, também, às ordens»— respondeu,
a rir, o doutor Alves.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■